Os chineses ultramarinos nas sociedades ibero-asiáticas (sécs. XVI-XIX): O caso de Timor

Paulo Jorge de Sousa Pinto

"Among historians, Southeast Asia's Overseas Chinese have never enjoyed much popularity. They are in many respects a 'People without a History', having left behind no substantial deposit of experience and having failed to produce a school of historians to write their own history from an insider's perspective. (…) Acting as middlemen and brokers - and therefore necessarily discreet in the handling of personal relations - they have traditionally hidden their own aims and motives from the 'outer world', and thus eluded the understanding of their contemporaries." (Blussé , 1988: 49).

Intro

A temática dos chineses ultramarinos (designação geral dada aos chineses ou descendentes de chineses que vivem no exterior) é um assunto que mantém plena atualidade e envolve não apenas as múltiplas questões – de identidade, integração social, impacto económico ou diplomático – decorrentes da presença de "minorias chinesas" em diversos países, mas do significado destas "diásporas" para a própria China. Embora se trate de uma matéria que tem suscitado um maior interesse e atenção no contexto do século XIX e da emigração maciça de mão-de-obra chinesa para o continente americano ou, ainda, no quadro político posterior a 1949, existe uma dimensão histórica que a precede e que diz respeito às relações entre o Império do Meio e as regiões do Sueste Asiático. Aqui, a presença de comunidades chinesas é milenar e acompanhou os ritmos de aceleração das trocas e da vida comercial dos séculos XV a XVIII. A chegada e fixação dos europeus nesta região, entre portugueses, espanhóis, holandeses e britânicos, constituiu um notável desafio para estas comunidades e redes comerciais, assim como uma oportunidade para o seu desenvolvimento.

Projeto de pós-doutoramento

Em 2012, iniciei um projeto de pós-doutoramento, que foi (e é) financiado por uma BPD da FCT, com a supervisão de Jorge dos Santos Alves. O projeto, intitulado *Conflito e Colaboração - Presenças e Representações dos Chineses Ultramarinos nas Sociedades Ibero-Asiáticas (séculos XVI-XIX)*, pretende captar alguns aspetos desta temática geral, envolvendo

o cruzamento da experiência asiática ibérica nesta região com o fenómeno secular dos chineses ultramarinos, em momentos e temáticas específicas e sob dois pontos de vista principais. Em primeiro lugar, nos contactos entre as sociedades ibero-asiáticas em gestação e evolução e os chineses ultramarinos, enquanto processo de tensões, alinhamentos e expectativas mútuas, de conflito e colaboração; em segundo lugar, na elaboração das representações e na construção das imagens deste processo da memória dessas mesmas sociedades.

A proposta de trabalho inicial continha quatro pontos essenciais. No primeiro procurou-se definir conceitos, traçar percursos da diáspora chinesa no Sueste Asiático e estabelecer um quadro abrangente da evolução da diáspora, com as devidas remissões para os contextos locais e especificidades históricas; o segundo ponto foi dedicado às Filipinas e à presença dos chineses ultramarinos na sociedade colonial espanhola. O facto de a comunidade chinesa ter estado na origem da prosperidade de Manila e ter sido o fator-garantia da sua viabilidade e sucesso constitui um motivo adicional de interesse. De seguida, e por contraste, foram analisadas as especificidades do relacionamento entre os chineses ultramarinos e as estruturas portuguesas no Sueste Asiático - formais e informais - em três polos específicos (Malaca, Molucas e Timor). Por fim, o projeto dedica atenção a Macau e à articulação com as redes e parcerias luso-asiáticas, envolvendo a própria evolução da cidade na sua função intermediária entre a China e a Ásia do Sueste.

Para a realização dos objetivos propostos, foram utilizados os materiais disponíveis, entre bibliografia, revistas da especialidade e fontes publicadas, tendo sido assumido um enfoque essencialmente agregador e interpretativo ou reinterpretativo da informação, em detrimento da heurística e do trabalho de arquivo. Tendo merecido o acolhimento do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, o projeto foi enquadrado na linha de investigação "Cultura e Conflito", mais especificamente no subprojeto "Memory Transfers between East and West".

O plano de trabalho inicial (abreviado) é o seguinte:

1. A China e a diáspora chinesa na Ásia do Sueste.
1.1 Quadro histórico-geográfico da China Ming e Qing.
1.2 Os chineses ultramarinos no Sueste Asiático: portos, redes e comunidades. Estatutos sociais nas sociedades de destino: mercadores, colonos e *coolies*.
2. A sociedade colonial filipina (sécs. XVI-XIX).
2.1 Os *sangleys*: origem geográfica e caracteristicas. A evolução do conceito. A dimensão extra-asiática de Manila.
2.2 As dinâmicas da sociedade colonial. Estratégias de segregação: os *parián* e a exclusão; estratégias de integração.
3. Malaca, as Molucas e Timor – Estruturas formais e informais portuguesas.

3.1 Os chineses em Malaca e nas Molucas: presenças e comunidades silenciosas (séculos XVI-XVII).
3.2 Os chineses em Timor: da busca do sândalo (séc. XVI) ao envolvimento na anexação holandesa de Atapupo (1818).
4. Macau, porto da China e das parcerias luso-chinesas.
4.1 Os chineses ultramarinos e o estabelecimento dos portugueses em Macau (1555/1557). Macau, porta da emigração chinesa para a América do Sul (séc. XIX).
4.2 Colaboração e rivalidade: momentos e evoluções.

Do trabalho realizado resultou um conjunto de participações em colóquios e eventos científicos, assim como publicações, ao longo do triénio 2012-2014 (v. lista). Destaque-se o alargamento do âmbito de estudo a uma abordagem comparativa com Batávia, o centro político da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais (VOC) [Publ. 5] e reflexões sobre imagens, perceções e representações dos chineses ultramarinos em contexto colonial [Publ. 3, Col. 2 e 6].

Reformulação do projeto

Por ocasião do pedido de renovação da BPD, houve lugar a uma reformulação do plano de trabalho e a uma afinação dos seus objetivos, resultantes da experiência do trabalho realizado, do conhecimento entretanto adquirido e do amadurecimento das temáticas propostas. De futuro, o trabalho incidirá preferencialmente sobre duas alíneas expostas no plano inicial, a saber, os pontos 3.2 (“Os chineses em Timor”) e 4. (“Macau, porto da China e das parcerias luso-chinesas”). Ao presente, é a presença chinesa em Timor que concentra a pesquisa em curso, na continuidade do trabalho de investigação iniciado no 1º semestre do corrente ano e cujo resultado se encontra no prelo para publicação até ao final do mesmo [Publ. 1 e 2]. Deste modo, um assunto que inicialmente não suscitou grande interesse acabou por revelar-se prioritário, e entre os objetivos definidos no pedido de renovação da BPD encontam-se os seguintes:

- Considerar os efeitos da presença chinesa na estrutura político-social da ilha, designadamente no contexto dos “reinos” timorenses e do envolvimento dos poderes europeus (sediados em Kupang e Lifau/Dili) no estabelecimento dos seus equilíbrios;
- Procurar identificar e analisar o impacto (político, social e económico) das diferentes comunidades de origem chinesa estabelecidas nesta ilha, no quadro colonial dos séculos XVII a XIX (a disputa luso-holandesa e a divisão da ilha em duas “áreas de influência”);

- Abordar a origem diversificada destas comunidades (Fujian, Guangdong) e as suas articulações com centros exteriores (Batávia, Macau)
- Estudar especificamente a ligação "portuguesa" entre Timor (Lifau e Dili) e Macau

Os chineses em Timor – enquadramento, debate e linhas de pesquisa

A ilha de Timor, como revela o seu nome (*timur* = leste), assinala o ponto mais oriental do arquipélago, constituindo como que uma espécie de "horizonte civilizacional" do mundo malaio-indonésio, para além da qual fica a Nova Guiné e a Austrália. Historicamente, foi portanto o ponto terminal de uma vasta rede de contactos que a ligava aos centros mercantis da Ásia Marítima, constituindo, deste modo, um ponto remoto e afastado das principais rotas de comércio e de difusão cultural. Numa palavra, nunca foi um "ponto de passagem"; para se lá chegar, era necessário um motivo e ao longo de séculos, esse motivo foi quase exclusivamente um: a existência de abundante produção da variante mais apreciada do sândalo (o chamado "sândalo branco"), utilizado por toda a Ásia – nomeadamente na China – numa multiplicidade de fins (farmacopeia, cerimónias religiosas, cosmética). Havia, portanto, um interesse por parte de mercadores chineses (e outros asiáticos) em aportar à ilha e carregar sândalo. A presença chinesa está atestada desde meados do século XIII. Mais tarde, foi o mesmo sândalo que atraiu os europeus a Timor, primeiro os portugueses, por volta de 1514 e, um século mais tarde, os holandeses. As duas potências europeias viriam, entre os séculos XVII e XIX, a disputar entre si o controle da exportação de sândalo e a influência política sobre os diversos reinos da ilha.

É precisamente esta questão que condiciona toda a informação disponível sobre Timor, ao longo de vários séculos: não apenas as fontes portuguesas e holandesas tendem a focar a sua atenção nas matérias políticas e administrativas e a maximizar a rivalidade europeia, como a historiografia colonial resumia a história de Timor a um longo processo de atrito e disputa entre as duas potências, para além de privilegiar a ação das ordens missionárias e do fator religioso. O aspeto mais visível desta distorção foi a visão tradicional de divisão da ilha entre duas "zonas de influência", com uma "metade holandesa" centrada em Kupang e uma "metade portuguesa" com capital em Lifau e, mais tarde, em Díli. De fora ficavam as dinâmicas políticas e sociais dos próprios reinos timorenses – tratados como meras expressões desta dualidade, ou seja, reinos "leais" e "rebeldes" – e, inevitavelmente, a presença asiática, nomeadamente de mercadores macaçares e chineses.

Só após as descolonizações europeias, na década de 1950, e em particular a independência da República Indonésia, estas questões foram sujeitas a uma reanálise aprofundada. Do lado "holandês" (ou seja, fazendo uso extensivo das fontes holandesas), destacam-se os trabalhos de Arend de Roever (Roever, 2002) e, sobretudo, de Hans Hägerdal (Hägerdal, 2012, entre outros). Sobre o "Timor português", o panorama é mais sombrio: após o trabalho de Artur Teodoro de Matos (Matos, 1974), não houve praticamente interesse pela história de Timor nem surgiram trabalhos de investigação relevantes, com uma notável exceção (Figueiredo, 2011).

Sobre a presença chinesa? Muito pouco. Na verdade, uma das características das comunidades chinesas no exterior é a sua discrição. Em Timor, a sua presença na documentação é muito escassa. Para o "lado holandês", existe algum trabalho feito, porque a sua presença em Kupang tornou-se, a partir do século XVIII, incontornável (cf. Lombard-Jourdan e Salmon, 1998). Mas no que respeita à presença portuguesa, não só na sua forma oficial, após a nomeação de um governador nos inícios do mesmo século, como junto das elites de mestiços de portugueses (os chamados *topazes*, *larantuqueiros* ou "portugueses negros") que disputaram o controle sobre várias regiões costeiras da ilha, o silêncio é quase total.

O papel desempenhado pelas comunidades chinesas em Timor permanece, assim, uma questão praticamente ignorada pela historiografia. Tal facto deve-se à menor importância da ilha no quadro geral das migrações chinesas, mas também, como ficou assinalado, à presença discreta destes grupos, a que corresponde um silêncio generalizado nas fontes históricas. Esta discrição decorreu do facto de se tratar, no essencial, de comunidades mercantis que garantiam tradicionalmente o fornecimento e o escoamento de mercadorias – nomeadamente a exportação de sândalo – em articulação com as redes locais, escapando quase totalmente à alçada das autoridades portuguesas, mas que posteriormente vieram a controlar o comércio a retalho em toda a "parte portuguesa" da ilha. Assim, o caráter discreto da presença chinesa não significava que estas comunidades não tivessem desempenhado um papel da maior importância na evolução histórica – não só "asiática" como "colonial" – de Timor. E esta aparente contradição é um motivo para um interesse redobrado na investigação.

Do trabalho realizado até ao momento e em curso resultam várias pistas de trabalho, de que destaco:

- A existência do que parecem ser duas estruturas distintas de comunidades chinesas: a) uma primeira (provavelmente de origem Hokkien) em torno do eixo Batávia-Kupang, articulada com a VOC holandesa e responsável pelo "contrabando" de sândalo e que

era aparentemente dominante no séc. XVIII, controlando os mercados do Fujian e do Guangdong; b) grupos sediados em Macau e que circulavam na ligação oficial portuguesa com Lifau/Dili, quer financiando os mercadores de Macau, quer estabelecendo-se localmente.

- A fragilidade do circuito oficial português, sujeito a constantes disputas entre os governadores de Timor e o Senado de Macau (que detinha o monopólio) sobre o preço e o volume das cargas de sândalo, que facilitava a ação das comunidades asiáticas, como macaçares e chineses. Durante os séculos XVIII e XIX, apenas 1/4 a 1/5 do sândalo de Timor circulava pela via oficial de Macau; o restante era "contrabandeado" para Batávia, onde seguia para os portos da China Meridional
- O complexo panorama de interesses e tensões - no qual os poderes coloniais europeus detinham um controle muito limitado - entre os diversos reinos timorenses ("vassalos" ou não de Portugal), as elites locais de *larantuqueiros* e as redes mercantis chinesas, que negociavam diretamente o escoamento do sândalo em troca de armas, metais, ferramentas e tecidos
- O interesse especial do "incidente de Atapupu" (1818), que revelou, pela primeira vez de forma flagrante, o poder e a influência das redes mercantis chinesas. Tratou-se da tentativa do governador português de criação de uma alfândega naquele porto, que suscitou oposição por parte dos chineses ai residentes; estes convenceram o rei e as populações locais a colocarem-se sob "proteção" holandesa, pelo que o porto foi ocupado por um contingente militar holandês. Pela primeira vez, os chineses imiscuíram-se diretamente numa disputa colonial.
- A existência, ao longo dos séculos XVIII e XIX, de vestígios, embora muito fragmentários, da presença de comunidades chinesas na "metade portuguesa" de Timor; esta presença cresceu e acompanhou a própria evolução político-administrativa portuguesa, passando de grupos de mercadores ligados ao comércio com Macau, para comunidades residentes que passaram a dominar o comércio a retalho; posteriormente, registam-se expectativas de um fluxo migratório de mão-de-obra chinesa, ligadas a propostas de desenvolvimento de uma agricultura de plantação (café, cana de açúcar, tabaco).

Uma vez que a presença chinesa em Timor nunca suscitou interesse por parte da historiografia portuguesa, existe todo um conjunto de materiais que permanece por estudar e

sobre o qual incide a investigação atualmente em curso: periódicos e imprensa (tanto oficial como não-oficial), nomeadamente a que diz respeito a Macau; relatos de viajantes, naturalistas e cientistas europeus que visitaram a ilha ao longo do século XIX; documentação arquivística, respeitante a Macau e a Timor, que se encontra em diversos arquivos e parcialmente microfilmada ou digitalizada. Dado o caráter da documentação disponível, esta pesquisa será limitada e circunscrita a momentos específicos, como a década de 1810 e o "episódio de Atapupu". O âmbito temporal da investigação situa-se, em linhas gerais, entre o século XVII e os finais do século XIX. Esta última baliza justifica-se pelo facto de a ação do governador Celestino da Silva (que entrou em funções em 1894) assinalar uma nova etapa no teor da presença portuguesa na ilha, iniciando o que se designa por "período colonial" propriamente dito, mas este limite está condicionado aos desenvolvimentos posteriores e aos resultados que a investigação revelar.

Publicações:

1. "Visitors and Settlers: Notes on Timor and the Chinese as Cultural and Economic Brokers (Sixteenth to Nineteenth Centuries)", *Journal of Asian History*, nº 48/2, 2014 (no prelo)
2. "Traders, Middlemen, Smugglers – The Chinese and the Formation of Colonial Timor (18th-19th centuries)", *Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires*. Lisboa, ISCTE (no prelo)
3. "Os «Judeus do Oriente» - Perceções Europeias dos Chineses Ultramarinos no Sueste Asiático (séculos XVI-XVIII)", *Leituras Portuguesas da China dos Séculos XVI e XVII – Livros, Ideias e Imagens na origem da Moderna Sinologia*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos (no prelo)
4. "*Chinchéus* and *Sangleys* - Ten Remarks on the Chinese Presence in Melaka and Manila (16th- 17th centuries)", *Review of Culture* (International Edition), nº 43, 2013, pp. 59-69.
5. "Malaca, Manila e Batávia - Os chineses ultramarinos no contexto dos impérios europeus na Ásia do Sueste (séculos XVI-XVII)" in Manuel Lobato e Maria de Deus Beites Manso (eds.), *Mestiçagens e Identidades Intercontinentais nos Espaços Lusófonos*, Braga, NICPRI, 2013, pp. 91-108.
6. "A China pelos Olhos de Malaca. A *Suma Oriental* e o conhecimento europeu do Extremo Oriente" in Roberto Carneiro e Guilherme de Oliveira Martins (eds.), *China e Portugal, cinco centúrias de relacionamento: uma leitura académica*, Lisboa, CEPCEP / Centro Nacional de Cultura, 2013, pp. 11-20.
7. "*«Estos enemigos ladrones que tenemos contra nuestra voluntad»* - Notas e Observações acerca dos *Sangleys* de Manila" in Eva Maria von Kemnitz (ed.), *Estudos Orientais – volume comemorativo dos primeiro decénio do Instituto de Estudos Orientais (2002-2012)*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2012, pp. 93-104.

Colóquios, comunicações, seminários:

1. "Intermediários e contrabandistas: os chineses na formação do Timor colonial (séculos XVIII-XIX)" - Conferência Internacional *Lands Over Seas: Property Rights in the Early Modern Portuguese Empire*, Lisboa, ISCTE-IUL, junho 2014.
2. "Os «Judeus da Ásia» - Perceções Europeias dos Chineses Ultramarinos no Sueste Asiático (séculos XVI-XVII)", *Leituras Portuguesas da China dos Séculos XVI e XVII – Livros, Ideias e Imagens na origem da Moderna Sinologia*, Palácio Nacional de Mafra, fevereiro 2014.
3. "A Backdoor Access to China: Macao in the 16th-17th Centuries", *Patterns of Early Asian Urbanism*, International Institute of Asian Studies (IIAS), Leiden, The Netherlands, novembro 2013.
4. *"'Os* Folangji *caracterizam-se pela sua crueldade e astúcia e suas armas são melhores do que as dos outros bárbaros'*- Notas sobre a chegada dos portugueses à China", *XIII Simpósio de História Marítima*, Academia de Marinha, Lisboa, outubro 2013.
5. "Macau, an interface of two empires (1557-1685)", *Colonial (mis)understandings – Portugal and Europe in a global perspective, 1450-1900, I CHAM International Conference*, Lisboa, julho 2013.
6. "«*They bring their wives and children in their ships and they always live inside them*»: Images and Representations of the Overseas Chinese in Portuguese and Spanish Sources, 16th-17th centuries", *7th EuroSEAS Conference*, Lisboa, julho 2013.

7. “A China pelos Olhos de Malaca. A *Suma Oriental* e o conhecimento europeu do Extremo Oriente”, Ciclo de Seminários *Ao Reencontro da Misteriosa China: 500 Anos Depois,* coord. Artur Teodoro de Matos, CEPCEP-UCP, Lisboa, junho 2013.
8. “Malaca e Manila nas redes de comércio chinesas no Sueste Asiático (séculos XVI-XVII)” - Colóquio Internacional *Relações de Portugal com a Ásia do Sueste: 500 anos de História*, Universidade de Macau, outubro - novembro 2012.
9. “Identidade e Intermediação - Os chineses ultramarinos nas sociedades euroasiáticas (séculos XVI-XVIII)”, Colóquio Internacional *Mestiçagens e identidades intercontinentais nas sociedades lusófonas*, Universidade de Évora, julho 2012.
10. “Os *Sangleys* de Manila e os chineses ultramarinos no Sueste Asiático”, Seminário IEO-UCP, Lisboa, junho 2012.

Referências Bibliográficas

Sobre os chineses ultramarinos no Sueste Asiático e diáspora chinesa

Blussé, Leonard (1988), *Strange Company: Chinese Settlers, Mestizo Women and Dutch in VOC Batavia*. Dordrecht, Foris.

Callahan, W. A. (2003), "Beyond cosmopolitanism and nationalism: diasporic Chinese and neo-nationalism in China and Thailand", *International Organization* 57. 3.

Charney, Michael W. et al. (eds.) (2003), *Chinese Migrants Abroad – Cultural, Educational, and Social Dimensions of the Chinese Diaspora*. Singapura, Singapore Univesity Press.

Chee Kiong Tong (2010), *Identity and Ethnic Relations in Southeast Asia – Racializing Chineseness*. Nova York, Springer.

Chin-Keong, Ng (1983), *Trade and Society – The Amoy Network on the China Coast 1683-1735).* Singapura, Singapore University Press.

Chirot, Daniel e Anthony Reid, eds. (1997), *Essential Outsiders – Chinese and Jews in the Modern Transformation of Southeast Asia and Central Europe*. Seattle, University of Washington Press.

Chu, Richard T. (2010), *Chinese and Chinese Mestizos of Manila – Family, Identity and Culture, 1860s-1930s*. Leiden/Boston, Brill.

Felix Jr., Alfonso (ed.) (1966), *The Chinese in the Philippines, 1570-1770*. Manila, Solidaridad Publishing House.

Gil, Juan (2011), *Los Chinos en Manila – siglos XVI y XVII*. Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau.

Hu Baozhu (2013), "Between Global and Regional Aspirations: China's Maritime Frontier and the Fujianese in the Early Seventeenth Century", *Journal of Asian History* 47.2.

Ptak, Roderich (1999), *China's Seaborne Trade with South and Southeast Asia (1200-1750)*. Aldershot, Ashgate.

Rae, Ian e Witzel, Morgen (2008), *The Overseas Chinese of Southeast Asia – History, Culture, Business*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan.

Reid, Anthony (1993), *Southeast Asia in the Age of Commerce - Expansion and Crisis*. New Haven, Yale University Press.

Reid, Anthony (ed.) (2001), *Sojourners and Settlers – Histories of Southeast Asia and the Chinese*. University of Hawai'i Press.

Ruiz-Stovel, Guillermo (2009), "Chinese Merchants, Silver Galleons, and Ethnic Violence in Spanish Manila, 1603-1686", *Análisis* 12.

Tagliacozzo, Eric e Chang, Wen-Chin (eds.) (2011), *Chinese Circulations – Capital, Commodities, and Networks in Southeast Asia*. Duke University Press

Wang Gungwu (1990), "Merchants without empire: the Hokkien sojourning community" *In* James D. Tracy (ed.), *The Rise of Merchant Empires. Long-Distance Trade in the Early Modern World, 1350-1750*. University of Minnesota/ Cambridge University Press.

Wang Gungwu (1991), *China and the Chinese Overseas*. Singapore, Times Academic Press.

Wang Gungwu (1998), "Ming foreign relations: Southeast Asia" *In* Dennis Twitchett and John K. Fairbank (eds.), *The Cambridge History of China*. Cambridge University Press, vol. 8, 2.

Wang Gungwu (2000), *The Chinese Overseas – From Earthbound China to the Quest for Autonomy*. Londres, Harvard University Press.

Wickberg, Edgar (2000), *The Chinese in Philippine Life, 1850-1898*, Manila, Ateneo de Manila University Press.

Yan, Qinghuang (2008), *The Chinese in Southeast Asia and Beyond: Socio-economic and Political dimensions*. Singapura, World Scientific.

Sobre Timor

Andaya, Leonard Y (2010), "The 'Informal Portuguese Empire' and the Topasses in the Solor Archipelago and Timor in the 17th and 18th centuries".*Journal of Southeast Asian Studies*, 41/3.
Farram, Steven. «Jacobus Arnoldus Hazaart and the British Interregnum in Netherlands Timor, 1812-1816». *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, nº 163.4 (2007): 455-475.
Figueiredo, Fernando Augusto de (2011), *Timor. A Presença Portuguesa (1769–1945)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.
Gunn, Geoffrey C. (1999), *Timor Loro Sae: 500 Years*. Macau, Livros do Oriente.
Hägerdal, Hans (2006), "Serviao and Belu: Colonial Conceptions and the Geographical Partition of Timor". *Studies on Asia*, III/3.
Hägerdal, Hans (2007), "Rebellions or Factionalism? Timorese Forms of Resistance in an Early Colonial Context, 1650–1769". *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 163.1.
Hägerdal, Hans (2008), "White and Dark Stranger Kings: Kupang in the Early Colonial Era". *Moussons*, 12.
Hägerdal, Hans (2012), *Lords of the Land, Lords of the sea. Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600–1800*. Leiden, KITVL Press.
Lombard-Jourdan, Anne (2000), "L'or de Timor", *Archipel* 60.
Lombard-Jourdan, Anne e Claudine Lombard-Salmon (1998), "Les Chinois de Kupang (Timor), aux alentours de 1800", *Archipel*, 56.
Pélissier, Réné (1996), *Timor en guerre: le crocodile et les Portugais, 1847–1913*, Orgeval, R. Pélissier.
Ptak, Roderich (1983), "Some References to Timor in old Chinese Records", *Ming Studies* 17.
Ptak, Roderich (1987), "The Transportation of Sandalwood from Timor to China and Macao c. 1350–1600" *In* Roderich Ptak (ed.), *Portuguese Asia: Aspects in History and Economic History (16th and 17th Centuries)*. Stuttgart, Steiner Verlag.
Ptak, Roderich (1992), "The Northern Trade Route to the Spice Islands: South China Sea – Sulu Zone – North Moluccas (14th to early 16th century)", *Archipel* 43.
Roever, Arend de (2002), *De jacht op sandelhout. De VOC en de tweedeling van Timor in de zeventiende eeuw*. Zutphen, Walburg Pers.
Thomaz, Luís Filipe (2001), "Timor: o Protectorado Português" *In História dos Portugueses no Extremo Oriente – 2º volume: Macau e Timor. O Declínio do Império*, org. A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Fundação Oriente.
Villiers, John (1994), "The Vanishing Sandalwood of Portuguese Timor", *Itinerario* 28.2.

Sobre Timor - Historiografia colonial

Boxer, C. R. (1947). *The Topasses of Timor*. Amsterdam, Koninklijke Vereeniging Indisch Institute.
Castro, Afonso de (1867), *As Possessões Portuguesas na Oceania*. Lisboa, Imprensa Nacional.
Castro, Gonçalo Pimenta (1954), *Timor. Subsídios para a sua História*. Lisboa, Agência Geral das Colónias.
França, Bento da (1897), *Macau e os Seus Habitantes – Relações com Timor*. Lisboa, Imprensa Nacional.
Morais, A. Faria de (1934), *Subsídios para a Historia de Timor*. Bastorá, Tip. Rangel.
Morais, A. Faria de (1944), *Sólor e Timor*. Lisboa, Agência Geral das Colónias.
Matos, Artur Teodoro de (1974), *Timor Português, 1515-1769. Contribuição para a sua História*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
Oliveira, Luna de (1949), *Timor na História de Portugal*. Lisboa, Agência Geral das Colónias.

IV Fieldwork – 6 nov 2014

Os Chineses Ultramarinos nas Sociedades Ibero-Asiáticas (séculos XVI-XIX): o caso de Timor

Paulo Jorge de Sousa Pinto

Projeto de Investigação - Bolsa pós-doc FCT

Conflito e Colaboração
Presenças e Representações dos Chineses Ultramarinos nas Sociedades Ibero-Asiáticas (séculos XVI-XIX)

"Chineses Ultramarinos" (*Overseas Chinese*) designação generalista que designa, hoje em dia, os chineses ou descendentes de chineses que vivem fora da China – atualmente, totalizam c. de 50 milhões de pessoas, dos quais mais de metade vive nos países da Ásia do Sueste (Tailândia, Malásia, Indonésia, Singapura, Birmânia, Filipinas, Vietname, Camboja)

Problemática geral da diáspora chinesa e questões de identidade envolvidas – o que é "ser chinês", cidadania chinesa vs. etnicidade, ligações das comunidades à China, integração social nos países de acolhimento, problemas de discriminação e segregação, poderio económico e influência política, "os judeus do Oriente"

Tradicionalmente, a historiografia colonial europeia interessou-se pela emigração chinesa no contexto da Revolução Industrial, ou seja, na transferência maciça de mão-de-obra para o Sueste Asiático (plantações de borracha na Pen Malaia, café em Java, etc) e para o Novo Mundo (caminhos de ferro nos EUA, exploração agrícola na América do Sul, etc)

O tema do projeto reporta-se, no essencial, a uma época anterior, debruçando-se sobre a presença chinesa nas sociedades ibero-asiáticas. Casos de Malaca, Molucas, Manila, Macau, Timor.

- Os “chineses ultramarinos” no Sueste Asiático

  - Na Idade Moderna: comunidades e redes mercantis (Guangdong, Fujian) tradicionalmente bem organizadas e com forte presença em vários portos sueste-asiáticos (Sião, Patani, Banten)

  - A China Ming estava oficialmente encerrada ao exterior (até 1685) mas continuava a consumir bens e produtos da Ásia do Sueste (pimenta, prata, sândalo)

  - Manila e Batávia eram cidades com forte presença chinesa, que tirava proveito dos circuitos comerciais europeus (o “galeão de Manila” espanhol e a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais) e funcionava como intermediária no comércio com a China

  - O seu poder económico e número elevado era foco de tensão e de desconfiança por parte das autoridades coloniais espanholas e holandesas

  - Em Manila verificaram-se revoltas, repressão e/ou decretos de expulsão em 1603, 1639, 1662, 1686, 1744 e 1764; em Batávia houve uma chacina em 1741

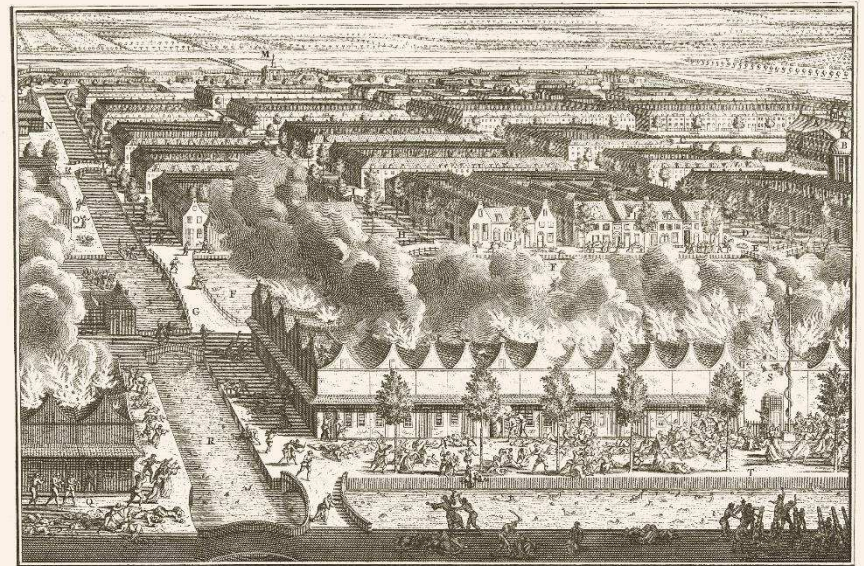
Peter Borschberg, “The Johor-VOC Alliance and the Twelve Years’ Truce”
International Law and Justice Working Papers, 2009

Chineses de Banten
(*De eerste schipvaart der Nederlanders naar Oost-Indië onder Cornelis de Houtman*, 1598)

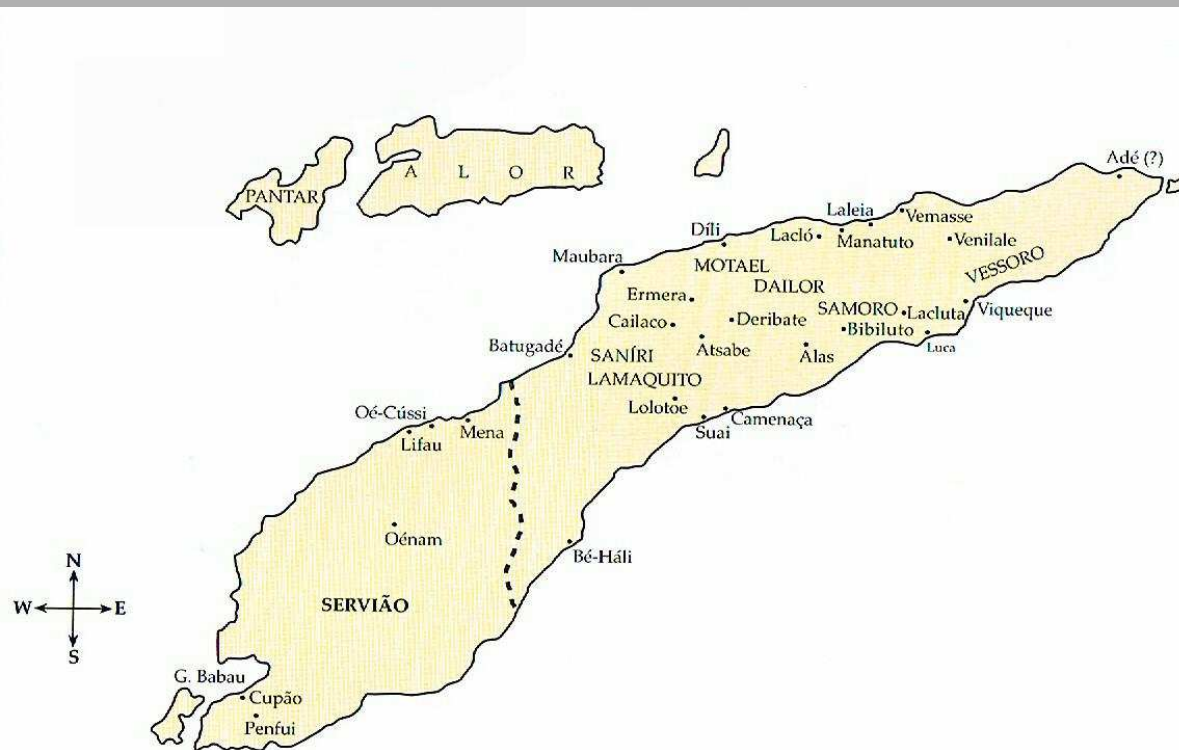
"Sangleys" (chineses de Manila)
Boxer Codex, c. 1590, Indiana University

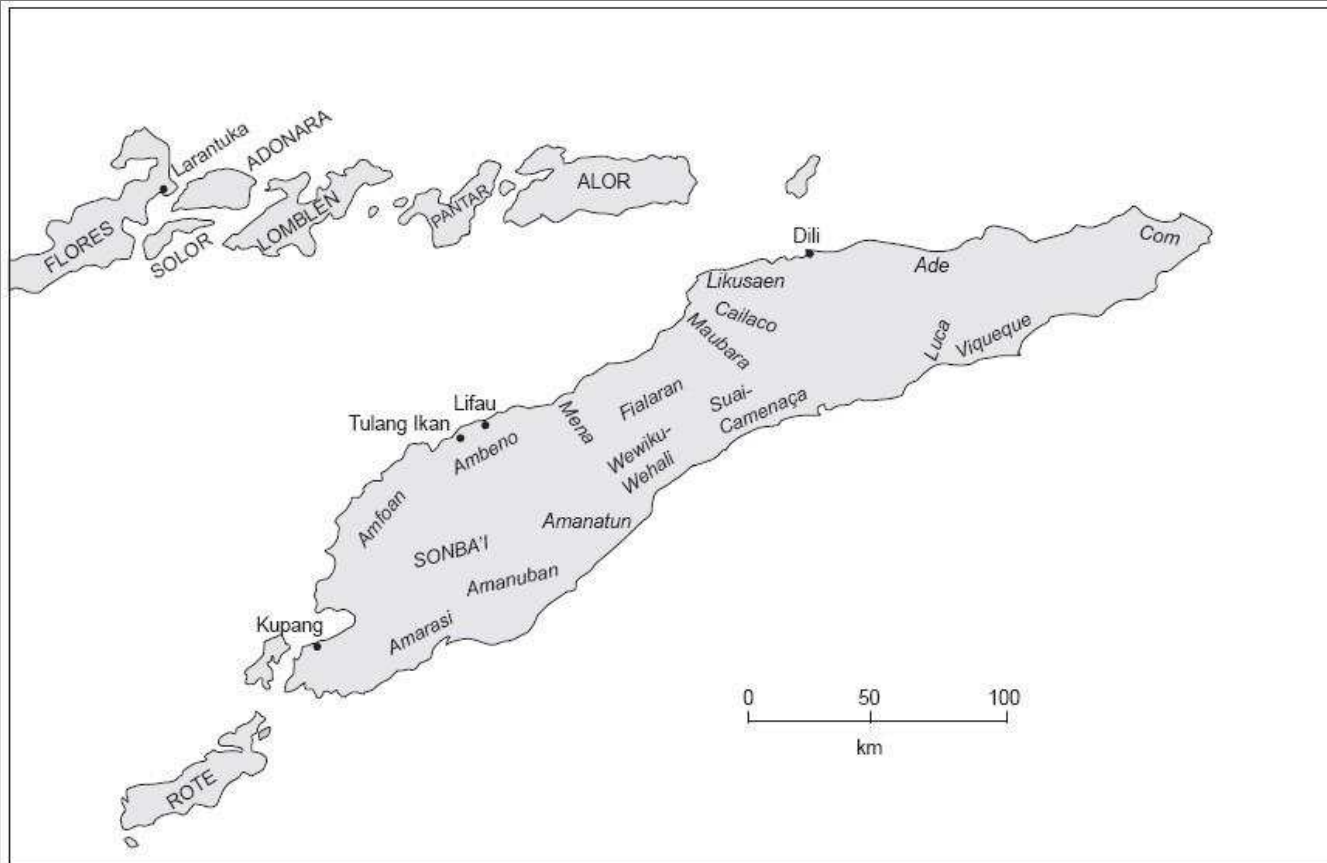
Chineses de Batávia
Diário de Jörg Franz Müller (1681)

Andries Beekman, “o castelo de Batávia”, c. 1656 (pormenor)
Rijksmuseum, Amsterdão

Massacre dos chineses de Batávia, 1740 (anónimo)

Bairro chinês em chamas, Batávia, 1740 (Jacobus van der Schey)

• Timor – sândalo, *larantuqueiros* e europeus

- a historiografia colonial tende a simplificar a extrema complexidade política de Timor em "Servião" e "Belos" / reinos "leais" e "rebeldes" / portugueses e holandeses
- interesse essencialmente comercial da ilha (trato do sândalo)
- dificuldade em caracterizar e definir com clareza o papel desempenhado pelos "larantuqueiros" (ou *black portuguese* ou *topazes*), mestiços e descendentes de portugueses e sua ligação às elites políticas timorenses
- minimização da presença de outras comunidades asiáticas: macaçares e chineses

Luís Filipe Thomaz, "Timor: o Protetorado Português", A.H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2, Lisboa, Fundação Oriente, 2001, p. 506.

Hans Hägerdal, "Rebellions of Factionalism? Timorese forms of Resistance in an early colonial context, 1650-1769", *Bijdragen tot de Taal-*, 163-1, 2007, p. 4.

Map 1. Timor, seventeeth and eighteenth centuries

- Os chineses em Timor – características das fontes e historiografia

- Presença discreta, muito fragmentária ou quase inexistente nas fontes portuguesas
- A historiografia colonial tende a omitir a sua presença, tomada como "interferência", concorrência comercial, contrabando ou agentes ao serviço dos holandeses
- Inexistência de estudos dedicados aos chineses em Timor

• Redes e conexões mercantis chinesas – comércio do sândalo

* Duas estruturas distintas:

- o eixo Batávia-Kupang (provavelmente Hokkien), articulada com a VOC holandesa e responsável pelo escoamento (ou seja, “contrabando”) de sândalo – no séc. XVIII, controlava os mercados do Fujian e Guangdong
- um eixo Lifau/Dili-Macau que girava em torno da rota oficial portuguesa; aparentemente, financiava os mercadores de Macau

* Fragilidade do circuito oficial português, sujeito a permanente tensão entre os governadores de Timor e o Senado de Macau (que detinha o monopólio) acerca do preço e o volume das cargas de sândalo

* Durante os séculos XVIII e XIX, apenas 1/4 a 1/5 do sândalo de Timor circulava pela via oficial de Macau; o restante era “contrabandeado” para Batávia, onde seguia para os portos da China Meridional

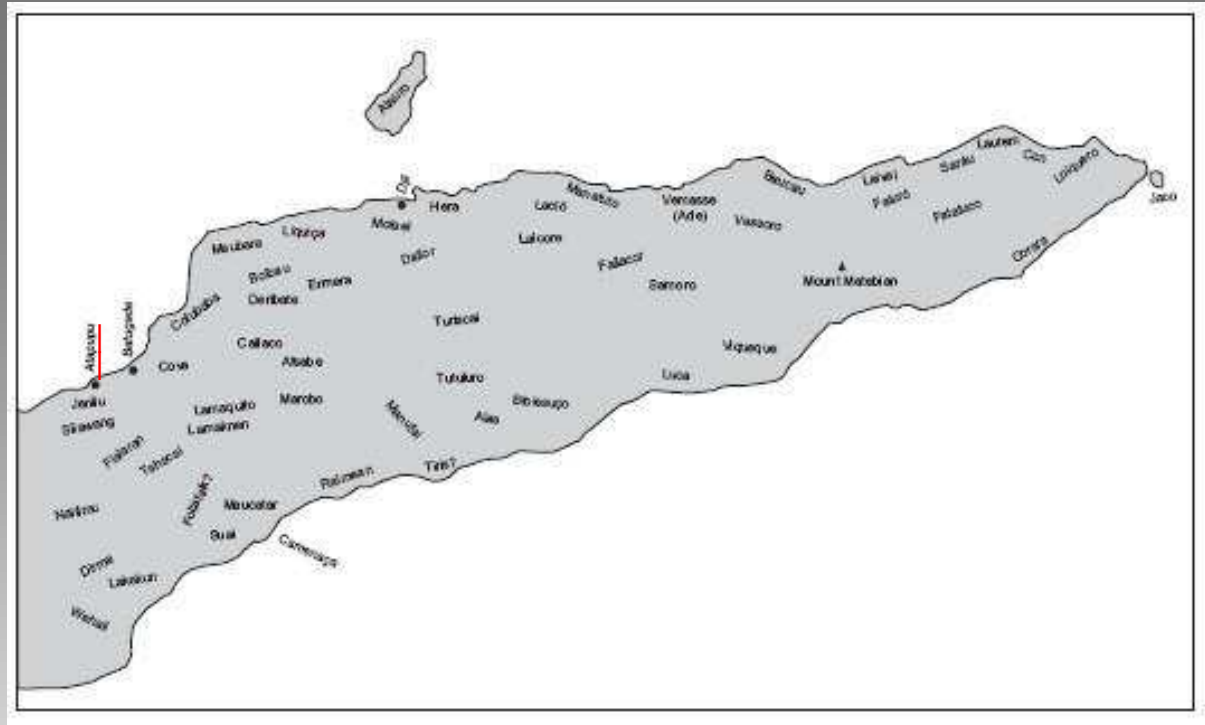
• Traços da presença chinesa - comunidades itinerantes e comunidades residentes

- Logo em 1702, há indícios da existência de uma comunidade chinesa residente em Lifau

- Ao longo do século XVIII, surgem informações fragmentárias acerca de chineses residentes em Lifau e em Dili; existência de um “Capitão dos Chinas”

- As propostas posteriores em torno de “projetos coloniais” com desenvolvimento de uma agricultura de plantação (café, cana de açúcar, tabaco) incluem a vinda de imigrantes chineses para compensar a “indolência” dos timorenses

- Informações mais consistentes sobre a vinda de artesãos chineses e denúncias sobre o modo como rapidamente se dedicam ao comércio a retalho.

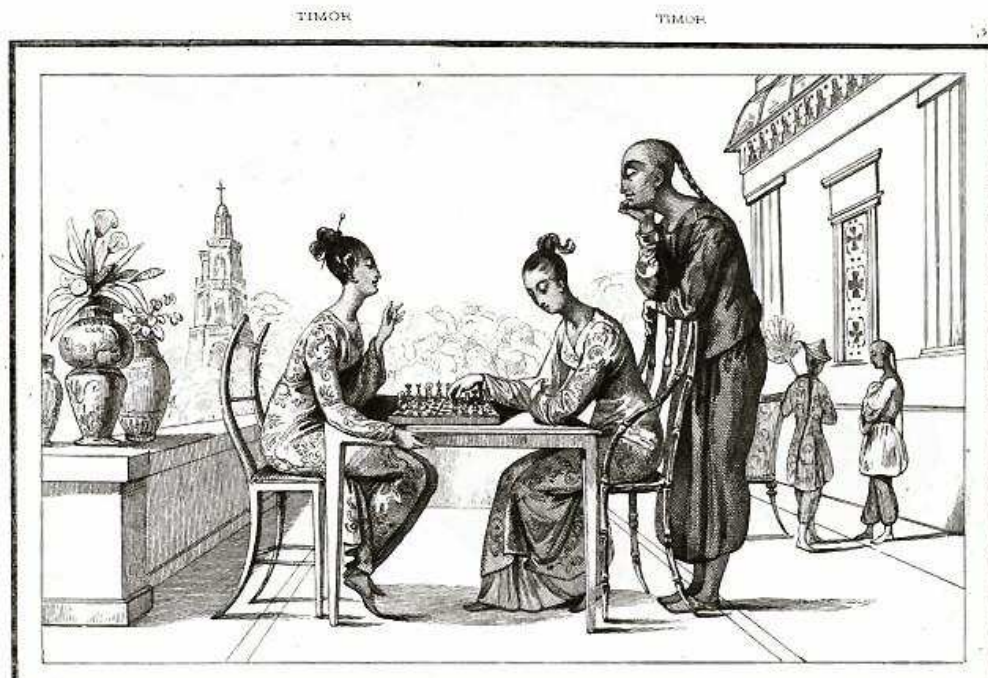
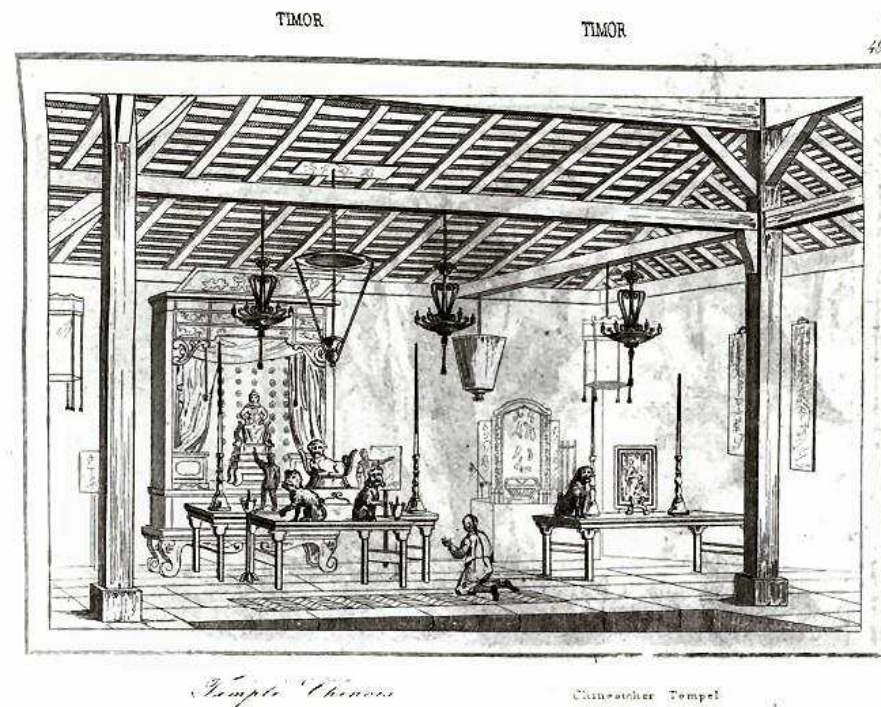
Hans Hägerdal, *Lords of the Land, Lords of the Sea*, Leiden, KITLV, p. 62

• O “incidente de Atapupu” (1818)

- Tentativa do governador português de criar uma alfândega no porto
- Oposição da comunidade chinesa, que convence o régulo e as populações locais a colocarem-se sob “proteção” holandesa
- Ocupação do porto por um contingente militar holandês
- Conflito diplomático, preparação de um corpo expedicionário em Goa
- A corte de D. João VI, no Rio de Janeiro, decide não intervir
- Reconhecimento da ocupação holandesa pelo Tratado luso-holandês de 1859

Materiais:

Documentação arquivística – Historical Archives of Goa, Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo Histórico Militar, Biblioteca da Ajuda

Periódicos (oficiais e não-oficiais) - *Anais do Conselho Ultramarino, Boletim do Governo do Estado da Índia*, *Boletim da Província de Macau e Timor*, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras, Boletim das Províncias do Ultramar*, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, *Anais Marítimos e Coloniais, Panorama, A Aurora Macaense*, etc

Relatos de viajantes, memórias, relatórios de naturalistas

Mulheres chinesas de Timor / Templo chinês em Timor
M. G. L. Domeny de Rienzi, *Océanie,ou la Cinquième Partie du Monde*, Paris, Firmin Didot, 1836